

FRANCESCA HORNAK

SETE  
DIAS  
JUNTOS

Tradução  
ANA CAROLINA MESQUITA

**B**  
BERTRAND BRASIL

2020

**EDITORA-EXECUTIVA**

Renata Pettengill

**COPIDESQUE**

João Pedro Dutra Maciel

**SUBGERENTE EDITORIAL**

Marcelo Vieira

**REVISÃO GRAMATICAL**

Ana Clara Werneck

Fátima Fadel

**ASSISTENTE EDITORIAL**

Samuel Lima

**DIAGRAMAÇÃO**

Juliana Brandt

Beatriz Carvalho

**ESTAGIÁRIA**

Georgia Kallenbach

**IMAGENS DE CAPA**

Shutterstock

---

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJJ

Hornak, Francesca

H788s     Sete dias juntos [recurso eletrônico] / Francesca Hornak; tradução Ana Carolina Mesquita. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.  
recurso digital

Tradução de: Seven days of us

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-286-2486-1 (recurso eletrônico)

1. Ficção inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Mesquita, Ana Carolina. II.  
Título.

20-65558

CDD: 823

CDU: 82-3(410.1)

Camila Donis Hartmann – Bibliotecária – CRB-7/6472

---

Copyright © 2017 by Francesca Hornak

Título original: *Seven days of us*

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

2020

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

Todos os direitos reservados. Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da Editora.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela:

EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA.

Rua Argentina, 171 — 3º andar — São Cristóvão

20921-380 — Rio de Janeiro — RJ

Tel.: (21) 2585-2000 — Fax: (21) 2585-2084

Atendimento e venda direta ao leitor:

[sac@record.com.br](mailto:sac@record.com.br)

*Para Felicity e Charity*

# *Sumário*

## **Prólogo**

Olivia

## **• 1 •**

Andrew

Emma

Phoebe

Jesse

## **• 2 •**

Emma

Olivia

Andrew

Emma

Olivia

Andrew

Emma

Andrew

Phoebe

Jesse

• 3 •

Olivia  
Jesse  
Olivia  
Andrew  
Emma  
Phoebe  
Jesse

• 4 •

Olivia  
Andrew  
Emma  
Phoebe  
Jesse  
Olivia  
Andrew  
Emma  
Phoebe  
Jesse

• 5 •

Olivia  
Andrew  
Emma  
Andrew  
Phoebe  
Jesse

• 6 •

Olivia  
Jesse  
Olivia  
Andrew  
Phoebe  
Emma  
Andrew  
Phoebe  
Olivia  
Jesse  
Andrew

• 7 •

Olivia  
Emma  
Olivia  
Phoebe  
Jesse  
Emma  
Olivia  
Emma  
Andrew  
Emma  
Olivia

• 8 •

Andrew

Phoebe  
Jesse  
Olivia  
Andrew  
Emma  
Phoebe  
Jesse  
Andrew  
Jesse  
Phoebe  
Jesse

• 9 •

Olivia  
Andrew

• 10 •

Emma  
Jesse  
Phoebe  
Emma  
Phoebe  
Olivia  
Andrew  
Phoebe  
Jesse  
Phoebe  
Andrew

Olivia  
Emma  
Phoebe  
Olivia

Epílogo

Agradecimentos

# **Prólogo**

17 de novembro de 2016

## *Olivia*

PRAIA DO CABO, MONRÓVIA, LIBÉRIA, 1H03

• • •

Olivia sabe que o que estão fazendo é uma estupidez. Se forem vistos, serão mandados de volta para casa — possivelmente para o tribunal. Isso para não dizer que tocá-lo pode trazer risco de morte. Mas quem os veria? A praia está deserta e tão escura que ela só consegue enxergar alguns poucos metros mar de piche adentro. O único som é o marulhar das ondas. Ela está muito consciente do pequeno espaço entre seus cotovelos ao descerem até a água. E quer dizer “não devíamos fazer isso”, mas eles não fizeram nada. Ainda não quebraram a regra do Não Toque.

Aquela noite havia começado no bar da praia, com cervejas *long neck* e depois cubas-libres. Os dois passaram horas debaixo daquele teto de chapa de ferro, com um candeeiro tremeluzente entre eles e o céu ardendo em tons de bronze. Comentaram sobre a volta para casa no Natal, em cinco semanas, e de como queriam retornar à Libéria depois. Ela falou de Abu, o menino

de quem tratou e por quem chorou naquela mesma praia no dia em que ele morreu. Depois falaram de onde cresceram, onde estudaram medicina, de suas famílias. A vida dele na Irlanda parecia muito diferente da sua. Ele foi o primeiro a frequentar uma universidade e a viajar na família. Ela tentou explicar como a medicina representava um tipo de rebelião sob o ponto de vista de seus pais, e os olhos dele se arregalaram — da mesma forma como quando confessou ter feito trabalho voluntário durante o Natal para evitar a família. Notou os olhos dele quando se cruzaram pela primeira vez no centro de tratamento — era tudo o que podia ver, afinal de contas, por trás da máscara. Eram cinza-esverdeados, como o mar de Norfolk, e os cílios eram tão escuros que ele parecia estar usando maquiagem. Ela não tirava os olhos das mãos dele, inquietas no rótulo da cerveja. Eram tão ásperas quanto as suas, de tanto serem mergulhadas em cloro. Ela queria segurar uma delas e virá-la sobre a palma da sua mão.

Quando o bar fechou, as estrelas já haviam saído, como açúcar polvilhado no céu. O ar noturno estava leve em seus braços descobertos.

— Vamos dar uma volta? — perguntou Sean, levantando-se.

Ela estava acostumada a fitar os homens de frente, mas ele era um palmo mais alto. E então houve um instante, iluminado pelo candeeiro, quando olharam um nos olhos do outro, e ela sentiu borboletas no estômago.

Agora, com os pés imersos na água do mar, os dois quase se tocam. A espuma brilha fosforescente. Ela perde o equilíbrio quando uma onda quebra em suas pernas, e ele se vira para ampará-la. Suas mãos a seguram com firmeza, e então buscam

sua cintura. Ela se vira em seus braços para fitá-lo, sentindo as mãos dele em suas costas. Os poucos centímetros entre as bocas clamam por ser transpostos. E quando ele abaixa a cabeça e ela sente suas bocas se tocarem, sabe que aquela é a coisa mais idiota que já fez na vida.

#### BUFFALO HOTEL, MONRÓVIA, LIBÉRIA, 14H50

Bebericando água mineral para acalmar o estômago (por que tinha que beber aquela última cuba-libre?), Olivia aguarda para falar com a família pelo Skype. É estranho estar no saguão de um hotel, este pequeno bastião de água encanada e wi-fi — embora não haja ar-condicionado, apenas um ventilador para aplacar o calor sufocante. E mesmo ali há uma aura de perigo e cautela. Nos banheiros há cartazes com os dizeres SINAIS E SINTOMAS DO VÍRUS HAAG, com pequenos desenhos de pessoas vomitando. O barman colocou o troco na mão dela sem tocá-la — concluindo, com razão, que a maioria dos rostos brancos na Monróvia estava ali por causa da epidemia, para ajudar com “Dis Haag Bisniss”. Outro trabalhador humanitário percorre o saguão, falando alto em um iPhone sobre “a crise” e “suprimentos”, antes de fechar seu MacBook Air com estardalhaço. Usa uma camiseta de Combate ao Haag e óculos escuros caros, além de estar bem bronzeado. Provavelmente trabalha para uma das ONGs, pensa Olivia. Não parece ter encarado o Centro de Tratamento ou um traje de proteção — não como Sean. A noite anterior insiste em voltar à sua mente.

Ela não vê a hora de encontrá-lo no plantão mais tarde, de saborear a tensão do Não Toque, de seu segredo nascente. A expectativa sufoca a voz que a diz para parar imediatamente antes que aquilo vá longe demais. De qualquer forma, é tarde para voltar atrás.

Olivia percebe que está divagando — já são três e cinco da tarde e sua família está esperando. Ela faz a ligação e, como num passe de mágica, eles estão espremidos na tela. Vê que estão na cozinha da casa em Gloucester Terrace, e que o laptop está sobre a bancada. Talvez seja a ressaca, mas aquela pequena janela para Camden é quase engraçada de tão improvável. Ela olha além dos rostos, para os armários azul-claros e a cafeteira reluzente. Tudo parece absurdamente limpo e aconchegante.

Sua mãe, Emma, aproxima o rosto da tela como uma fã maravilhada, tocando o vidro como se Olivia estivesse do outro lado. Talvez ela também não consiga assimilar como um pequeno retângulo da África apareceu em sua cozinha. Seu pai, Andrew, a cumprimenta com um aceno desajeitado, substituindo o breve sorriso por olhos semicerrados ao ouvir sem soltar uma palavra. Ele insiste em tirar os cabelos brancos do rosto (uma versão masculina do rosto de Olivia), franzindo a testa e fazendo que sim — mas olha para além dela, para o Buffalo Hotel. Os grandes olhos amendoados da mãe estão um pouco agitados enquanto ela dispara perguntas bem-humoradas. Quer saber sobre a comida, o clima, os banheiros, qualquer coisa, ao que parece, para evitar ouvir sobre o Haag. Há um intervalo entre a voz e os lábios dela, de modo que as respostas de Olivia acabam sempre atropelando a pergunta seguinte de Emma.

Sua irmã Phoebe se mantém atrás dos pais, segurando como um escudo o gato Cacau. Ela está vestindo o que Olivia suspeita ser sua roupa de academia, e exhibe bíceps delicados porém definidos. Em um momento, olha para o relógio. Olivia tenta contar sobre o frango que entrou na ala mais contagiosa e precisou ser morto a pedradas, mas antes que consiga sua mãe tagarela:

— Fale com a Phoebs! — E empurra a filha para o centro da tela.

— Oi — diz Phoebe com doçura, dando aquele seu sorriso largo e fotogênico e acenando com a pata de Cacau.

Olivia não consegue pensar no que dizer — consciente demais de que ela e a irmã pouco se falam ao telefone. Então lembra que Phoebe acaba de fazer aniversário (de 28 ou 29 anos? Deve ser 29, porque Olivia tem 32), mas antes que consiga se desculpar por não ter entrado em contato, o rosto de Phoebe se contorce numa espiral grotesca, como *O grito* de Munch.

— Olivia? Wivvy? Wiv? — Ela escuta a mãe dizer, antes que a chamada seja cortada de vez. Tenta ligar novamente, mas a conexão está perdida.

• 1 •

17 de dezembro de 2016

*Andrew*

ESCRITÓRIO, GLOUCESTER TERRACE, 34, CAMDEN, 16H05

• • •

**ASSUNTO:** coluna 27 dez

**DE:** Andrew Birch <andrew.birch@the-worldmag.co.uk>

**DATA:** 17/12/2016 16:05

**PARA:** Croft, Ian <ian.croft@the-worldmag.co.uk>

Ian,

Segue a coluna. Se isso sair sem que eu leia uma prova, arranco o seu fígado.

Abraço,

Andrew

**P.S.:** NÃO mude o meu "como" para "assim como". É irritante.

**P.P.S.:** É *houmous*, e não homus.

The Perch, Wingham, Berkshire

Comida 3/5

Ambiente 1/5

*Quando vocês lerem isso, minha família e eu estaremos em prisão domiciliar. Ou, mais precisamente, em prisão Haag. No dia 23, minha filha Olivia, médica viciada em assistência humanitária, voltará de uma temporada combatendo a epidemia do vírus Haag na Libéria — arrastando a nós, sua família, para uma quarentena de sete dias. Durante exatamente uma semana deveremos evitar qualquer contato com o mundo exterior, com permissão para sair de casa apenas em situações de emergência. Caso algum desavisado cometa a tolice de tentar nos roubar, ele ou ela será obrigado a ficar conosco até o fim da quarentena. Já estão em andamento os preparativos para o que ficou conhecido, na casa dos Birch, como Semana da Haagonia. A Waitrose e a Amazon entregarão o que talvez sejam as compras de Natal mais completas da Grã-Bretanha. Quantos rolos de papel higiênico uma família de quatro pessoas gasta em uma semana? Será que 2 quilos de aveia em flocos serão suficientes? Será que finalmente assistimos a Spiral ou damos uma chance a The Missing? Antes do cerrar das portas, a Matriarca está compilando listas de livros, de músicas, de atividades, listas de desejos. Como não somos um clã que faz as coisas pela metade, nos transferimos de Camden para a nossa casa na profunda e escura Norfolk, para melhor apreciarmos nosso confinamento quase solitário. Imaginem só como será toda essa experiência para a millennial Phoebe, que agora se defronta com uma semana de wi-fi de eficiência duvidosa.*

*Claro, todo Natal é de certa forma uma quarentena. O recesso do escritório é estabelecido, as repartições ficam às moscas e os amigos migram para as pobres cidades de onde vieram. Cônjuges entediados sentem calafrios a cada tosse um do outro (janeiro é o mês mais movimentado para os advogados de divórcio — vai entender). Nesse período, que*

é o mais maravilhoso do ano, a comida é a salvação. É a comida que azeita as engrenagens entre a tia surda e a adolescente muda. É a comida que preenche com canela as rachaduras entre irmãos nostálgicos. E é a comida que dá propósito à mãe cheia de culpa, revivendo Natais passados com a santíssima trindade formada por peru, molho e cranberry. E é justamente por isso que os restaurantes não deveriam se aventurar com comida natalina. Nessa época do ano, saímos de casa para fugir dos vapores sufocantes de carne assando e do falatório maternal. Abominações como molho de pão não têm lugar nos cardápios.

O Perch, em Wingham, não entende isso. Portanto, escolheu promover sua inauguração com um “cardápio de Festas alternativo”. (De novo: quem quer comida de Natal alternativa?) Como todo bar gourmet provinciano, a decoração recorre excessivamente aos tons pastel do catálogo da Farrow & Ball. O serviço foi simpaticamente confuso. O pão com “manteiga picante de Natal” estava bom e quente, mas podíamos passar sem a manteiga, servida numa sinistra placa de Petri e com uma cor marrom preocupante. Começamos por um prato de salmão aceitável, honestamente defumado, cujo elemento alternativo era um solitário ramo de alecrim. A Matriarca cometeu o erro de pedir linguado — uma borda de salmoura irrelevante. O curry do meu peru era uma curiosa poça de gororoba amarela carregada de cominho, cujo propósito parecia ser fazer aqueles quatro nuggets secos passarem despercebidos pelo cliente. Terminamos com uma tábua de queijos sem nada de mais e um crême brûlée com frutas cristalizadas que a Matriarca sentenciou como doce de doer, mas devorou de qualquer forma.

Não desanimem, habitantes de Wingham. O meu palpite é que vocês e seus vizinhos de colete terão a chance de variar o cardápio festivo. Nós, da família Birch, precisaremos encarar uma semana inteira de sanduíches de peru. Desejem-nos sorte.

Andrew se recostou na cadeira e fez uma pausa antes de enviar a coluna para Ian Croft — o editor-assistente de quem menos gostava na revista *The World*. O Perch não era dos piores, considerando a localização. E, pensando bem, até que era aconchegante. Poderia até ter passado a noite no quarto cafona do segundo andar, com ferro de passar e chaleira elétrica, se ele e Emma ainda aproveitassem quartos de hotel. Ele se lembrou dos donos, um casal ansioso e suarento que veio cumprimentá-lo e falar de “sazonalidade” e do “ethos” do lugar, e pensou em mudar o comentário sobre o linguado. Mas desistiu. O povo de Berkshire não lia a *The World*. E, de qualquer forma, era tudo propaganda mesmo.

O mais importante era a parte sobre sua própria vida. Sentia que fizera sua família soar perfeitamente feliz. A verdade era que não estava exatamente ansioso por passar uma semana em Weyfield, a fria casa de fazenda em Norfolk herdada por Emma. Nunca sabia ao certo o que dizer à filha mais velha, Olivia. Ela tinha um jeito desconcertante de fitá-lo, mortalmente sério e levemente revoltado, como se enxergasse dentro de sua alma e reprovasse o que via. E Emma passaria a semana num redemoinho de pânico exultante por ter Olivia em casa, para variar. Pelo menos Phoebe estaria lá, um contraponto frívolo às outras duas.

Às vezes Andrew sentia que tinha mais em comum com a filha caçula do que com Emma — principalmente agora que Phoebe trabalhava na mídia. Ouvir sobre a irremediável produtora de TV onde atuava como freelancer, na qual todos os homens eram apaixonados por ela, sempre o fazia rir. Estava prestes a gritar para Phoebe no segundo andar e perguntar se

queria ajudá-lo a escrever a resenha sobre um novo sushi bar, quando um e-mail não lido chamou sua atenção. Era de um remetente que não reconheceu, o que sugeria algum tipo de spam. Mas o assunto, “Oi”, o fez mudar de ideia. Estava escrito:

**ASSUNTO:** Oi

**DE:** Jesse Robinson

**<jesse.iskandar.robinson@gmail.com>**

**DATA:** 17/12/2016 16:08

**PARA:** Andrew Birch <andrew.birch@the-worldmag.co.uk>

Caro Andrew,

Imagino que essa mensagem será recebida com choque, mas quis contatá-lo pois acredito que você é meu pai biológico. Minha falecida mãe biológica era uma libanesa chamada Leila Deeba, a quem imagino que você conheceu quando trabalhou como repórter em Beirute, em 1980. Ela me entregou para adoção pouco depois que nasci, e fui criado por pais adotivos em Iowa. Hoje vivo em Los Angeles, onde produzo documentários, principalmente sobre saúde e bem-estar. Estarei na Grã-Bretanha nas festas de fim de ano, pesquisando um projeto, e gostaria muito de conhecê-lo, se você estiver à vontade com isso.

Um abraço,

Jesse

**P.S.: Sempre leio suas colunas!**

— Tudo bem? — perguntou Emma, entrando no escritório. — Até parece que viu um fantasma.

— Jura? — disse Andrew. — Estou bem. Muito bem. — A tela do laptop não estava à vista, mas ele a fechou de qualquer forma. — Acabo de enviar a coluna. E você, como está? — Andrew sempre se surpreendeu com a própria capacidade de soar calmo, até mesmo bem-humorado, quando sua mente estava em parafuso.

— Estou ótima! — respondeu Emma. — Mal posso esperar para lê-la. Vou dar um pulo na John Lewis. Ainda falta comprar as últimas coisas. Bem, não as últimas, mas mais algumas coisas para... hum... o estoque de Olivia. — E preciso de mais papel de presente — completou ela, olhando para o relógio acima da cabeça dele. Andrew notou que a esposa falava rápido demais. Mas a surpresa ainda pulsava em seu corpo. Emma comentou qualquer coisa sobre quando devia estar de volta, e se foi.

Andrew continuou sentado, lendo e relendo o e-mail. Lá estava, a voz que temia e esperava ouvir na mesma medida. Ele pensou naquela noite tórrida em Beirute, em 1980, uma noite que tentou convencer a si mesmo que jamais acontecera. Depois, pensou na breve e estranha carta que recebeu de Leila Deeba, um ano e meio atrás, que chegara no escritório da *The World*. Ainda a guardava, escondida de Emma. “Minha falecida mãe biológica era...”. Então a gloriosa mulher de corpo rijo com quem trepou numa cama de hotel estava morta. Ele se levantou e olhou pela janela salpicada de pingos de chuva. A música “Frosty the Snowman” veio da cozinha, no piso de baixo. Como havia chegado àquela idade, em que uma mulher com quem dormiu podia estar morta — e isso não era extraordinário? Era um pensamento soturno, e ele se forçou a voltar ao presente. O

que devia — se é que devia — responder ao rapaz? E, o mais importante, o que diabos contaria a Emma?

## *Emma*

CONSULTÓRIO DO DR. SINGER, 3º ANDAR, HARLEY STREET, 68, 16H59

• • •

A sala de espera do Dr. Singer, na parte alta da Harley Street, parecia ter sido feita para amortecer o golpe de más notícias. Era tudo suave, atapetado, bege. Sempre havia um prato com biscoitos intocados perto do chá e do café, e reconfortantes pilhas de revistas aleatórias. Olhando para as fotografias do casamento de um astro de novelas, Emma se perguntava se a *OK!* era mantida por médicos particulares e seus diagnósticos desoladores. Não tenha esperança, Emma, ela insistia em dizer a si mesma. Fazia o mesmo trato com o Destino desde a infância. Se quisesse que uma coisa acontecesse, ela se convencia a esperar pelo contrário — a esperar de verdade, com afinco, pelo contrário. E então acontecia o outro desfecho (aquele que ela desejava desde o princípio). Era como contratar um seguro — prepare-se para o pior e seja o que Deus quiser. Mas é claro que, quando as filhas tinham medo, ela dizia “vamos torcer pelo

melhor” e “vamos passar por isso juntas”. Era o que as mães deviam dizer. Ainda que, ultimamente, apenas Phoebe se abrisse com ela. Se tinha suas preocupações, Olivia não as dividia com a mãe há anos. Talvez, pensava Emma, conseguisse se aproximar da filha mais velha durante a quarentena.

— Sra. Birch? — disse a recepcionista de lábios caricatos. (Será que ela dava um pulo no dermatologista do térreo no intervalo do almoço?) — O Dr. Singer a está aguardando.

Emma entrou no consultório. Era uma combinação austera de pesados móveis de mogno e equipamentos médicos. Atrás da cortina ela sabia haver uma maca estreita forrada de papel azul, onde se deitou quando mostrou ao Dr. Singer o caroço do tamanho de uma avelã na axila direita.

— Temo que não sejam boas notícias — disse o médico, antes que ela terminasse de se sentar. — A biópsia mostrou que o nodo linfático que nos preocupa é um linfoma não Hodgkin.

Emma se perguntou se ele concluía que aquela era a melhor forma de dizer às pessoas que elas estavam morrendo. Sem conversa fiada, indo direto ao ponto antes que sequer tirassem o casaco. Ele continuou a falar, explicando que mais exames seriam necessários para determinar se o tumor era “indolente” ou “agressivo”. Engraçado definir tumores como adolescentes, pensou ela, quando ele já emendava com “opções de tratamento”, encarando-a com seus olhos miúdos. Emma não disse nada enquanto o médico falava, sentindo-se desligada do corpo. Por que não tentou não ter esperança com mais vontade? Devia ter acreditado, lá no fundo, que tudo ficaria bem, e agora não estava nada bem.

— Como eu disse, precisaremos fazer mais alguns exames e aguardar os resultados antes de tomar decisões, o que provavelmente deve acontecer depois do Natal — disse o Dr. Singer. — Mas, de qualquer forma, a senhora precisará iniciar o tratamento em janeiro. Certo?

— Então o câncer espera pelo Natal? — disse Emma. O comentário deveria ter sido espirituoso, mas acabou soando um tanto histérico.

O Dr. Singer (sem dúvida acostumado a ouvir coisas estranhas dos pacientes) apenas sorriu.

— A senhora quer perguntar alguma coisa?

Emma hesitou.

— Só uma coisa. Minha filha está tratando pessoas com o vírus Haag na Libéria, e ficará em quarentena conosco durante o Natal. Isso seria um risco, quero dizer, na minha situação?

— Haag? — disse o dr. Singer. Pela primeira vez, ele pareceu ficar confuso. — Bom, o meu conselho seria que, em vista da biópsia, a senhora deveria evitar qualquer risco à sua imunidade. — Singer fechou a pasta dela, sinalizando que a consulta estava encerrada. — Tenha um bom Natal. Tente não se preocupar.

Emma abriu a porta do número 68 da Harley Street com sua infinidade de campainhas de consultórios médicos. Foi um alívio deixar o silêncio quente e caro da recepção e estar de volta ao ar de dezembro. Do outro lado da Cavendish Square ela via o reconfortante verde-escuro da John Lewis. Combinara de se encontrar ali com sua velha amiga Nicola depois da consulta, porque, como dizia Nicola: “Tudo está sempre bem na

John Lewis.” Emma secretamente pensava que a La Fromagerie em Marylebone seria melhor, mas, agora que viera a má notícia, a boa e velha John Lewis estava ótima.

Nicola era a única pessoa que sabia sobre o Dr. Singer e o caroço — o caroço que acabava de se tornar um câncer. Emma não contara a Andrew ou às meninas, porque não havia nada de concreto a contar ou com que se preocuparem. Ela costumava amar lojas de departamento no Natal. Mas, naquele dia, as luzes, as vitrines e as pessoas que cruzavam seu caminho a incomodavam. Queria apenas estar sentada. Já mandara uma mensagem para Nicola — *Más noticias* —, porque não suportaria ver o rosto da amiga aguardando, dividido entre a euforia e a piedade. Demorou uma eternidade para chegar ao café no quinto andar — sempre que chegava ao alto de uma escada rolante, precisava caminhar quilômetros até a próxima. Depois, não conseguiram se falar propriamente por horas, porque tiveram que empurrar suas bandejas por um balcão de metal, como num refeitório de escola, pedindo Earl Grey e bolo inglês a rapazes simpáticos. Nicola manteve uma das mãos no braço de Emma o tempo todo, como se ela fosse muito velha, sempre lhe dirigindo sorrisinhos tristes. Nicola ama uma crise, pensou Emma, e então se sentiu culpada.

Por fim estavam sentadas.

— Certo — disse Nicola —, conte tudo.

E enquanto Emma explicava que precisaria fazer mais exames no dia seguinte, que os resultados chegariam depois do Natal e que provavelmente passaria o ano-novo fazendo quimioterapia, ela ouvia o diagnóstico tomar forma como a história do seu sexagésimo aniversário. (Meu Deus, como podia